

A FORMATURA E A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO: EXPECTATIVAS E SENTIMENTOS DE FORMANDAS EM PSICOLOGIA¹

Graduation and Entrance in the Labor Market: Expectations and Feelings of Psychology Senior Students

Fernanda da Luz²

Daniela Centenaro Levandowski³

Resumo

O presente estudo objetivou investigar as expectativas e sentimentos de formandas em psicologia frente à formatura e à inserção no mercado de trabalho. Participaram oito estudantes do último semestre do curso, com idades entre 24 e 50 anos. A pesquisa teve caráter qualitativo, utilizando-se a técnica de grupo focal na coleta de dados. Análise de conteúdo qualitativa das entrevistas revelou alguns sentimentos em relação à formatura, como medo, insegurança, tristeza, felicidade, saudade e cansaço. Quanto às expectativas em relação ao mercado de trabalho, as formandas acreditavam que, mesmo este estando saturado, haveria possibilidades de inserção em novas áreas da psicologia, evidenciando a necessidade de inovação. Foram mencionados fatores pessoais como obstáculo ou auxílio para a inserção profissional, objetivo este buscado pelas formandas, ainda que de forma incerta. Concluiu-se que o momento final de curso de graduação é capaz de suscitar sentimentos intensos, impulsionando ou dificultando o início da vida profissional.

Palavras-chave: Expectativas; Sentimentos; Formatura; Mercado de trabalho.

Abstract

This study aimed at investigating the expectations and feelings of Psychology senior students about their graduation and entrance in the labor market. Participants were eight female Psychology senior students, with ages between 24 and 50. The research design was qualitative. The focal group technique was used in data collection. Qualitative content analysis of the interviews revealed some feelings associated with graduation, such as fear, insecurity, sadness, happiness, nostalgia and tiredness. As for the expectations concerning the labor market, in spite of its saturation with psychologists, students believed there would be chances for insertion in new fields of the Psychology profession. This highlighted the need for innovation. Personal factors were mentioned as obstacles or aid in the insertion in the labor market, aim sought by those senior students even though in an uncertain way. We concluded the ending of the graduation studies might arouse intense feelings, impelling or hindering the startup of the professional life.

Keywords: Expectations; Feelings; Graduation; Labor market.

¹ Este trabalho é parte do Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia realizado pela primeira autora no ano de 2004, sob a orientação da segunda autora, na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

² Psicóloga Clínica, formada pela Universidade de Caxias do Sul. Endereço para contato: João Mocelim, 936, Cristo Redentor - Caxias do Sul - RS, CEP: 95082-080. E-mail: ferdaluz@yahoo.com.br

³ Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia do Desenvolvimento (UFRGS), Docente da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Introdução

Para o formando, a conclusão do curso de graduação e a conseqüente saída da universidade caracterizam-se como um período de transição de papéis. O aluno, acostumado às exigências universitárias, transforma-se em um novo profissional, e sente-se compelido à inserção no mercado de trabalho.

O egresso do curso de psicologia, mesmo já contando em sua bagagem com pelo menos dois anos de atividades profissionalizantes em variadas áreas de atuação, defronta-se com o fato de ter que se pôr à prova no concorrido mercado de trabalho. Tal situação pode acarretar uma acentuada sensação de insegurança, haja vista que o término da graduação não significa garantia de uma preparação adequada para o exercício da função (Leibel, 2002).

Além disso, atualmente nota-se que a crença amplamente difundida de que a conclusão de um curso superior seria, por si só, garantia de emprego, está cada vez mais perdendo sua força. Conforme aponta Barbara (1999), hoje ser qualificado academicamente não é sinônimo de estar empregado. Para Teixeira (2002), conseguir um espaço para a inserção profissional não depende somente de um diploma, mas também das características pessoais e da rede de relações que o indivíduo tenha estabelecido, de forma a tornar-se visível e atrativo para quem poderá contratar os seus serviços. Isso nos leva a concluir que a qualificação de mão-de-obra é apenas um dos elementos a serem levados em conta na análise do emprego, não podendo ser tomada como solução para todos os problemas relacionados ao mercado de trabalho. Pelo contrário, a valorização excessiva da importância da qualificação pode, muitas vezes, causar um efeito inibitório sobre o sujeito, aumentando sua sensação de impotência (Kurz, 1999).

Nesse sentido, Castel (1998) comenta que, do ponto de vista social, surge um novo e grave problema: a não empregabilidade dos qualificados. E o risco que daí decorre é a instalação desses sujeitos na precariedade e no provisório como modo de existência. Contudo, conforme aponta Gondim (2002), o que se sabe é que o desenvolvimento científico e tecnológico aumenta a complexidade do mundo, e passa a exigir um profissional com competência para lidar com um número expressivo de fatores. Os responsáveis por recruta-

mento e seleção de pessoal encontram cada vez mais dificuldades para conseguir profissionais habilitados a ocuparem as vagas disponíveis, o que coloca em discussão a eficiência no processo de formação e qualificação, pois poucos conseguem preencher os requisitos exigidos pelo mercado. Ao mesmo tempo, Kurz (1999) fala desta demanda do mercado de trabalho como algo vago, abstrato e extremamente instável. Para ele, a verdadeira qualificação exige um tempo de que o mercado não dispõe mais. As exigências mudam rapidamente, e a qualificação torna-se cada vez mais irreal. Sendo assim, o aprendizado transforma-se em um puro consumo de conhecimentos, e a qualidade é deixada de lado.

Dentro dessas circunstâncias, cabe focalizar a atenção para a situação dos graduandos próximo à conclusão do curso, de forma a procurar caracterizar que tipo de dificuldades eles atravessam nesse momento. Inevitável também é abordar a fase adulta da vida, época geralmente esperada para a ocorrência deste evento. De fato, segundo Pinto Júnior *et al.* (1999) ressaltam, a maior parte dos alunos em conclusão de curso encontra-se na fase de desenvolvimento denominada de *adulthood* jovem. Segundo Bee (1997), o início da vida adulta está compreendido entre o período dos 20 aos 40 anos. Conforme Teixeira (2002), tal fato é definido, principalmente, pela assunção das tarefas psicossociais que culturalmente se espera que o indivíduo adulto seja capaz de desempenhar, como o ingresso no mercado de trabalho, a independência econômica, a saída da casa dos pais e o estabelecimento de uma relação conjugal estável. É nesse momento de vida que, juntamente com as preocupações relacionadas ao final do curso, o jovem adulto geralmente experimenta indefinições relacionadas a escolhas futuras (Pinto Júnior *et al.*, 1999).

Então, para os jovens adultos, de acordo com Teixeira (2002), a conclusão do curso universitário está inserida em uma etapa de grande transição, e é profundamente marcada pela expectativa da chegada do momento de se exercer a profissão escolhida. Nesse contexto, o fato de o sujeito ter de defrontar-se com várias situações novas pode lhe criar um grande estado de tensão, exigindo uma adaptação a várias mudanças físicas e psicológicas. Nessas circunstâncias, Pinto Júnior *et al.* (1999) consideram que a conclusão do curso pode ser tida como essencial, pois, para tentar garantir

sua independência econômica, o jovem adulto precisa desenvolver alguma habilidade profissional, de forma a buscar uma colocação no mercado de trabalho e atender às suas necessidades emergentes. Essa etapa final requer uma retomada das escolhas até então realizadas, havendo uma antecipação do que acontecerá nos aspectos profissional e pessoal. É um momento de transformação da identidade pessoal, em que novos papéis são assumidos e, juntamente com eles, grandes expectativas são criadas. Nesse momento de vida, o aspecto profissional aparece com saliência, enquanto um outro papel social desempenhado, o de estudante, vai tendo sua importância diminuída. Isso acontece porque, socialmente, o que se espera do jovem adulto é que ele esteja comprometido com uma carreira, e preparado para o ingresso no mercado de trabalho, se ainda não estiver trabalhando (Teixeira, 2002).

Leibel (2002) ressalta os sentimentos despertados nos estudantes pela saída da universidade, na passagem do estado de aluno para o de profissional da psicologia. Nesta etapa de finalização, surgem medos, angústias e conflitos. Ao concluir o curso de graduação, os estudantes muitas vezes não estão preparados, subjetivamente, para ocupar o lugar de profissionais. Também nesse momento de transição o estudante sofre muitas pressões, especialmente familiares, sociais e intrapessoais, que o afetam de forma abrangente; não lhe é cobrado somente emprego, mas também aperfeiçoamento, realização profissional e dinheiro.

Assim, ao finalizar o curso de graduação, o jovem precisa estabelecer novos objetivos e traçar estratégias, para que possa efetivá-los a partir do que percebe de si mesmo, de sua trajetória e das oportunidades que almeja para si. É um período de transição, que requer uma reflexão sobre a própria história e um planejamento do que está por vir, provocando, assim, a movimentação e a transformação da identidade.

Pelo fato de a decisão de uma carreira exigir a elaboração de um planejamento profissional em função de expectativas futuras, a situação do mercado de trabalho torna-se uma variável importante, que pode dificultar esse processo, no caso de profissões que apresentam poucas oportunidades de trabalho. Ou seja, a falta de alternativas profissionais poderá provocar ambivalência no formando quanto ao caminho a seguir (Teixeira, 2002). Em se tratando da Psicologia como um cami-

nho profissional, Duran (2001) afirma que, no momento da instalação da psicologia como profissão, décadas atrás, a imagem social do psicólogo estava vinculada à de um profissional liberal. Atualmente, contudo, o autor ressalta que a situação é diferente: a realidade é de um crescente assalariamento, fruto do empobrecimento coletivo e resultante de condições econômicas nacionais desfavoráveis. Assim, é necessário ampliar a imagem do psicólogo para além do modelo de profissional liberal. Nesse contexto, é importante analisar como se dá a formação do psicólogo, para que se possa tentar compreender como se estrutura sua imagem perante à sociedade e ao mercado de trabalho.

Conforme aponta Gondim (2002), pode-se perceber, nos cursos superiores, uma ênfase em uma formação generalizada, oferecendo-se maiores possibilidades de experiência prática, o que contribui para atender à exigência de um perfil multiprofissional. Pode-se estar proporcionando, dessa forma, uma maturidade pessoal e identidade profissional necessárias para lidar com as situações de imprevisibilidade das organizações da atualidade. Entretanto, para Freitas (2001), as experiências práticas nos cursos de psicologia sempre vieram somente com os estágios. Assim, depois de tanta teoria, o aluno, ao se deparar com a prática, pode tender a enxergar primeiramente pela ótica teórica e não pela ótica fenomenológica. Isso poderá fazer com que ocorra um enquadramento dos sujeitos em modelos teóricos estudados ao longo do curso, havendo ausência de criatividade e espontaneidade na atuação profissional. Faz-se necessário, sob esse ponto de vista, introduzir-se a prática desde o início do curso, sem deixar de enfatizar a importância da consistência teórica.

Dentro das circunstâncias de formação universitária relatadas, Branco (1998) lista dificuldades encontradas pelo psicólogo na saída da universidade, no momento em que recebe o diploma:

dispersão no campo do saber psicológico; fragmentação no processo de trabalho social realizado nas instituições, além de falta de recursos materiais; ilusão de uma pseudo-autonomia do profissional liberal, almejada pela maioria no sonho do consultório particular; competição acirrada entre os próprios psicólogos na corrida do emprego e posições nas instituições que os demandam e que são escassas; demanda por uma função adaptativa, corretiva, re-educadora que lhe exigirá clareza do seu papel como psicólogo (p. 33).

Werbel (2000, citado por Gondim, 2002), em uma pesquisa sobre a busca efetiva de emprego entre graduandos, conclui que os que conhecem o mercado de trabalho conseguem pensar em caminhos efetivos de emprego, pois conseguem comparar o que está sendo requerido no mercado com as habilidades pessoais de que dispõem.

Assim, diante dos aspectos até aqui abordados, o presente estudo teve como objetivo investigar as expectativas e os sentimentos de formandas do curso de Psicologia em relação à formatura e à inserção no mercado de trabalho.

Métodos

Participantes

Participaram da pesquisa oito estudantes do último semestre do curso de Psicologia da Universidade de Caxias do Sul, com idades variando entre 22 e 50 anos, com formatura prevista para agosto de 2004. Todas as participantes eram mulheres, pois não havia nenhum estudante do sexo masculino com formatura prevista para esta data. Quanto ao estado civil das entrevistadas, quatro eram casadas e quatro eram solteiras. O tempo de permanência das entrevistadas no curso variou entre 4,5 e 8 anos. Duas entrevistadas já tinham concluído outro curso de graduação, e outras duas haviam iniciado um outro curso antes do atual. Somente uma entrevistada tinha outra atividade além dos estudos.

Instrumentos e Materiais

Foram utilizados como instrumentos para a coleta de dados: **Ficha de dados sociodemográficos**, com o objetivo de coletar alguns dados demográficos das entrevistadas; **Música para reflexão** (Novo Tempo, de Ivan Lins), com o objetivo de agir como disparador para a discussão dos temas propostos e, dessa forma, favorecer a reflexão das participantes; e um **Roteiro de entrevista semidirigida**, com o objetivo de levantar as expectativas e os sentimentos das formandas frente aos temas propostos, além de procurar captar a forma como elas estavam percebendo o momento final do curso de graduação e suas perspectivas de inserção no mercado de trabalho.

Delimitação e Procedimentos

A pesquisa realizada teve um caráter qualitativo. Como técnica para coleta de dados, utilizou-se o grupo focal (Gondim, 2002) com o objetivo de estimular a expressão de opiniões, crenças, sentimentos e expectativas das formandas. Em um primeiro momento, foi realizado um grupo focal piloto, com três formandas, selecionadas conforme sua disponibilidade de horário, com o intuito de auxiliar na definição das questões de pesquisa e de verificar a adequação do estímulo (música). Após a análise dos dados deste primeiro grupo, passou-se à coleta propriamente dita. Assim, foi feito um contato pessoal com as formandas, a fim de convidá-las a participar do trabalho proposto, explicando os objetivos dele. Nenhuma aluna se recusou a colaborar. Foram marcados, então, dois horários para a realização dos grupos, sendo as alunas distribuídas conforme sua disponibilidade, ficando quatro pessoas por grupo. As entrevistas foram realizadas no Serviço de Psicologia Aplicada (SEPA) da Universidade de Caxias do Sul, por ser um local de fácil acesso para as entrevistadas e pela estrutura física adequada a este tipo de atividade. Antes do início do grupo, solicitou-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a fim de assegurar a preservação da identidade das participantes. As sessões de grupo foram gravadas e, posteriormente, transcritas para análise, tendo uma duração média de 1h30min.

Análise dos Dados

Para a análise das entrevistas, foi realizada análise de conteúdo qualitativa, conforme proposta por Laville e Dionne (1999).

Resultados

A partir da análise de conteúdo qualitativa, foram encontradas diversas categorias e subcategorias temáticas. Destas, algumas são apresentadas aqui, em função do foco do estudo: 1. Sentimentos associados ao momento final do curso; 2. Percepção do mercado de trabalho; 3. Perspectivas de inserção profissional; e 4. Obstáculos relacionados ao exercício da profissão.

1. Sentimentos associados ao momento final do curso

Essa categoria englobou todos os sentimentos referidos pelas formandas associados ao momento final do curso de graduação. Foi possível constatar sentimentos negativos, tais como medos diversos, insegurança e cansaço, bem como sentimentos positivos, tais como alegria, felicidade, nostalgia, além de sentimentos ambivalentes. Quanto aos medos, foi mencionado o medo de não conseguir concluir o curso: *"Como eu havia desistido de uma outra faculdade, pra mim era uma prova ir até o fim. O meu pai também tinha medo que eu não fosse até o fim (...) ficava aquele questionamento: 'será que ela vai conseguir?'. E eu também me questionava, e ainda continuo com medo. No dia em que eu fui reservar a data da formatura, me pediram se já estava certo, mas eu disse que se eu rodasse, ou acontecesse alguma coisa, eu iria fazer a festa igual, a festa vai acontecer e depois eu faço a formatura"* (Gabi⁴, 35 anos); o medo do novo e a insegurança frente ao que estava por vir após a formatura: *"O novo sempre dá esse medo, essa insegurança. Eu, que já sou bem mais velha que vocês, sinto a mesma coisa, porque esse novo gera angústia. (...) Será que eu vou conseguir um emprego? Será que eu vou conseguir fazer o que eu gosto de fato? Como será que vai ser daqui pra frente?"* (Lúcia, 50 anos); *"... final do curso, por alguns meses eu sou estudante, e depois? Acordar no dia seguinte da festa de formatura, e daí, e agora? O que eu faço? Eu não preciso mais ir para o estágio, eu não preciso mais ir para aula..."* (Sofia, 24 anos).

Um outro tipo de receio relatado pelas formandas relacionou-se à capacidade profissional, ao mesmo tempo em que demonstraram estarem sentindo a perda da referência acadêmica que tinham até então: *"Tenho aquela sensação de que eu não estou bem preparada pra encarar. Consultório, então, nem pensar!"* (Margarida, 26 anos); *"É que até agora tinha alguém que te dava a linha, o professor te cobra isso, lá no estágio tu tens que fazer aquilo, e quando nós terminarmos, não vai mais ter isso, quem é que vai dar linha?"* (Lúcia, 50 anos); *"Cuidar da saúde mental das pessoas, que bom, é importante, mas que medo também, né? Agora eu vou assinar por mim, não vou mais ter a supervisora"* (Sofia, 24 anos).

Junto a isso, surgiu também um sentimento mais amplo de perda da identidade neste momento final do curso de graduação: *"Parece que eu estou sem personalidade, uma coisa indefinida, parece que a gente precisa desse ritual, e daí vai ser o 'novo tempo', uma nova pessoa. (...) Além de todas as coisas que tem pra fazer agora no final dos estágios, tu tens que absorver essa nova pessoa ... parece que esse ritual vai ser a marca mesmo. Deixei de ser algo, pra ser outra coisa... (...)"* (Gabi, 35 anos); *"Eu estou com a sensação de que eu não sou eu, eu vejo vocês falando, e até me questionei se eu estou negando isso (...) eu não consigo me sentir psicóloga, sentir que está acabando, parece estranho, mas eu perdi minha identidade..."* (Margarida, 26 anos). Ainda quanto ao mesmo assunto, surgiu, de forma específica um pesar, uma dor pela perda da condição de estudante: *"na verdade, eu acho que é conviver com um novo luto na minha vida, é sair daquela posição de filha, que sempre foi amparada, sempre foi cuidada em todos os sentidos, e agora passar para uma fase, que é a fase adulta propriamente dita, a fase em que a gente tem que encarar a profissão"* (Shirley, 26 anos); *"Parece que não cai a ficha: deu, está acabando, tu vais deixar de ser estudante, pra ser profissional. Isso está mexendo comigo, deixar de ser estudante, tanto é que se me pedem o que eu vou fazer depois, estou pensando em especialização, residência, ou seja, continuar estudante. Então, parece que está muito difícil pra mim deixar a posição de estudante pra ser profissional"* (Margarida, 26 anos).

Um outro sentimento negativo que foi percebido no relato das formandas foi o cansaço: *"Eu estou esgotada, sabe quando tu estás no limite do limite? Eu preciso de férias, não sei o que vou fazer depois da formatura, mas se eu puder dormir, sem ter hora pra acordar, já é uma grande coisa"* (Mary, 42 anos); *"mas eu vejo, mais dois meses, conto os dias, estou super cansada, e minha sensação não é pra formatura, mas sim pra férias..."* (Margarida, 26 anos).

Além dos sentimentos negativos, foi possível constatar sentimentos positivos quanto ao momento de conclusão do curso, tais como a esperança de que coisas positivas poderiam acontecer no futuro: *"Na verdade, a gente não sabe o que vai acontecer, a gente tem até uma idéia, mas não tem certeza, mas a gente tem esperança de que vai*

⁴ Na apresentação dos resultados foram utilizados nomes fictícios, escolhidos pelas formandas, a fim de preservar sua identidade.

dar certo, que alguma coisa tu vais conseguir, que tu vais ter uma vida boa, em todos os sentidos, tanto pessoal, como profissional. A gente está sempre cultivando essa esperança, mesmo com as dificuldades" (Bel, 22 anos); a felicidade: "Aquela coisa alegre, de poder terminar e começar alguma coisa diferente, que seria a profissão de fato. Essa é minha segunda faculdade, eu estou fazendo essa porque é o sonho que eu tinha desde a idade de vocês (...) Tem uma alegria forte junto com poder terminar" (Lúcia, 50 anos); e o início da conquista da sua própria independência: "A formatura é um momento muito marcante, porque não é só tu ser um profissional, ela marca uma etapa da tua vida. A partir daí tu tens que conquistar novas coisas, aí entram questões de família, autonomia, conseguir se sustentar, porque até então eu nunca me sustentei, eu não sei o que é isso" (Bel, 22 anos); "Eu fui uma adolescente quando eu entrei aqui, agora eu sou uma mulher. Eu quero a minha independência, eu quero a minha autonomia, e eu dependendo um pouco, se não totalmente, da minha formação pra isso. Como eu casei durante o curso, a partir desse momento, quem assumiu todas as minhas despesas, minhas e da faculdade, foi o meu marido, (...) E aí agora vem aquela cobrança minha, de que eu tenho que achar um emprego, porque até agora era só ele pagando uma faculdade particular, que é cara. Agora parece que eu tenho que trabalhar, pra ter dinheiro, para começar a me sustentar" (Margarida, 26 anos).

A finalização do curso de graduação ainda mostrou ser vivida por algumas formandas como um período de nostalgia: "Quero falar de uma sensação que eu tive esses dias (...) Passei na frente do bloco e tinha o pessoal sentado nos muros, como nós fazíamos quando estávamos nas primeiras disciplinas. Era uma maravilha! Eu olhava (...) que coisa mais linda essa universidade! Eu olhava, que coisa mais maravilhosa! (...) A gente sentava e ficava conversando, e era muito legal, porque era aula, não tinha esse compromisso que a gente está tendo agora. Sei lá, me reportei a isso, porque eu sinto saudades" (Shirley, 24 anos).

Por fim, ficaram também evidentes sentimentos ambivalentes das formandas em relação ao momento final do curso: "A gente tá na luta, assim mesmo a gente quer sobreviver, a gente quer alcançar os objetivos da gente, e às vezes a gente sente que tem que ser realmente muito forte, pra lidar com algumas situações de incerteza. (...) Eu

me alterno entre momentos de incerteza e esperança" (Sara, 24 anos); "É muita coisa junto, muita felicidade, muita alegria, muito orgulho, muito medo, muita tristeza por ter passado..." (Sofia, 24 anos).

2. Percepção do mercado de trabalho

Nesta categoria procurou-se listar as percepções das formandas quanto ao mercado de trabalho na área da psicologia. O mercado de trabalho foi visto por algumas formandas como saturado, no entanto, outras consideraram que estavam surgindo novas possibilidades de inserção profissional. Também foram apontados pelas entrevistadas alguns fatores pessoais que poderiam favorecer ou não a inserção no mercado de trabalho.

Foi apontado nas entrevistas o fato de o mercado de trabalho estar saturado, especialmente na área clínica: "Eu vejo extremamente saturado, muita influência na área clínica, que eu também estou apaixonada, mas eu tenho medo dessa idéia de consultório. A gente sai na 'pilha' pra abrir um consultório, ficar disponível, mas atualmente todo mundo faz isso..." (Sofia, 24 anos). As formandas referiram a necessidade de se diferenciar para conseguirem inserir-se nesse mercado saturado. Apontaram a exigência quanto à inovação para conseguir uma colocação profissional, considerando necessário ser criativo, qualificado e aceitar oportunidades diferentes e talvez menos cômodas: "Acho que a gente tem que ser muito criativo; o mercado de trabalho está pedindo coisas inovadoras, a gente tem que estar se atualizando, se informando muito. Acho que essa é a necessidade atual" (Sofia, 24 anos); "Nós temos que abrir mais os horizontes, não ficar só naquela coisinha que a gente conhece, no consultório no centro da cidade, na empresa no centro, na empresa grande. O que nos falta é ampliar um pouquinho mais, ir para o interior, porque no interior ninguém vai" (Lúcia, 50 anos).

Por outro lado, notou-se, por parte das formandas, uma percepção de abertura no mercado de trabalho, de novas possibilidades de atuação para os psicólogos em áreas como organizacional, comunitária e esporte: "Acho que na área organizacional está tendo uma abertura grande. Assessoria à direção também, está abrindo muito na área jurídica, a psicologia do esporte está com

tudo" (Margarida, 26 anos); "Nas escolas, nas creches, Prefeitura, Conselho Tutelar. É um tipo de trabalho que tu podes propor..." (Gabi, 35 anos).

As formandas referiram ainda a existência de fatores pessoais como obstáculo ou auxílio para a entrada no mercado de trabalho, como, por exemplo, a idade do profissional: "Na minha idade fica mais difícil ainda. Vocês são mais jovens, é diferente, mas eu entro com minha cara já de professora... Se eu entrar em um local que tem psicóloga, é certo que ela vai fantasiar que estou ali pra roubar espaço. (...) Com vocês que são jovens, a pessoa não vai ter medo de perder o espaço, mas vai acabar usando vocês, manipulando pra entrar no jogo que já está no local" (Lúcia, 50 anos); "Eles dizem: essa aí é novinha, eu vou fazer o que eu quiser, porque o experiente aqui sou eu." (Sara, 24 anos); ou um sobrenome conhecido na cidade: "Especialmente aqui, em Caxias, tu dependes muito do teu sobrenome pra ser alguma coisa, então é difícil! Tem essa cultura muito forte, mas tu tens que batalhar" (Shirley, 24 anos).

3. Perspectivas de inserção profissional

Esta categoria elencou as diferentes perspectivas das formandas quanto à inserção no mercado de trabalho. Foi possível constatar a existência de motivação para buscar uma colocação profissional, sendo que algumas formandas tinham a expectativa de inserir-se profissionalmente no próprio local de estágio. No entanto, algumas formandas não apresentaram certeza quanto à futura colocação profissional.

Notou-se a existência de motivação para buscar uma colocação profissional: "Eu penso em ir atrás: em todos os locais de estágio que eu já passei, vou levar um cartão, tentar botar a cara para dividir consultório com alguém, porque eu não quero ficar sem. Eu não vou abrir sozinho, mas vou tentar. (...) Vou pedir encaminhamentos. No começo tem que ser bem pedinte, parece meio humilhante, mas acho que não é: eu me formei, eu preciso, eu estou começando, podemos negociar" (Bel, 22 anos). Além da motivação, percebeu-se que algumas formandas tinham como expectativa a inserção profissional logo após a formatura. Tal inserção apareceu principalmente relacionada a uma colocação na área clínica, em função de possibilidades de parceria profissional: "Vou abrir

consultório junto com o meu marido, que é médico. Não vou ter gastos no início, o que facilita um pouco. Ele encaminha bastante gente para a psicologia, então eu vou poder atender" (Lúcia, 50 anos). Também se notou a existência de expectativas de efetivação no próprio local de estágio: "É o que me deixa um pouquinho mais segura é que no meu local de estágio na escola, eles já falaram numa possível contratação. Mas bem pouco tempo, poucas horas, uma manhã e uma tarde. Só que, mesmo assim, já é um vínculo, já é uma segurança" (Bel, 22 anos).

Por outro lado, a incerteza quanto à colocação profissional também esteve presente nas entrevistas: "Eu realmente não sei, meu sonho é arrumar emprego em um hospital e poder fazer uma pós em hospitalar, mas isso é uma coisa que eu tenho que ter consciência de que não é fácil. Não sei se a gente vai ter oportunidade de trabalhar naquilo que gostaria, não sei se a gente vai ter oportunidade de trabalhar, tanta coisa..." (Sofia, 24 anos).

4. Obstáculos relacionados ao exercício da profissão

Nesta categoria foram relacionados os obstáculos referidos pelas formandas quanto ao exercício da profissão de psicólogo: a implicação da psicologia nas questões pessoais e a dificuldade para lidar com o subjetivo.

As formandas mencionaram que o fato de ser um profissional da área da psicologia torna-se um obstáculo, especialmente quando as peculiaridades da profissão implicam questões relacionadas à vida pessoal, tais como a necessidade de um auto-exame constante e o fato de envolver-se com os problemas alheios: "Sempre gostei muito, me interessa muito, gosto de ler, mas é uma profissão que exige muito da gente. (...) Acho que é um curso que mexe demais com a gente, nós somos o nosso objeto de estudo o tempo todo" (Margarida, 26 anos); "Ninguém precisa passar por análise, além da pessoa que faz psicologia. Agora, nós, sim, temos que, em primeiro lugar, fazer terapia, e depois exercer a profissão, e continuar por muitos anos. Sempre tu tens que estar olhando pra dentro de ti pra tratar do outro, tem coisa tão complicada quanto isso?" (Shirley, 24 anos).

O fato de a psicologia lidar com questões subjetivas também apareceu nas falas das formandas como uma dificuldade encontrada no exercício da profissão, pela impossibilidade de visualização e quantificação dos efeitos do trabalho, além de abordar o sofrimento e a incerteza: *“Não tem um remédio que tu vais dar pra passar. Tu lidas constantemente com o sofrimento, o qual a gente e quem está passando vê, mas os outros não vêem, então é muito complicado...”* (Margarida, 26 anos); *“Não tem receita, tu não dá receita e ela sai satisfeita, porque vai resolver o problema. O problema é ela que tem que dar conta, e ela não entende, deposita muita coisa em ti, como se tu tivesses que ter a solução, a varinha mágica. A gente vê muito na clínica isso e, às vezes, o paciente se frustra, e coloca toda a frustração nele. E tu ficas te questionando: onde que eu errei, o que aconteceu, o que eu fiz de errado? Me bate muito isso”* (Mary, 42 anos); *“Penso que é muito difícil, sim, fazer medicina, mas medicina é: dois mais dois são quatro, isso mais isso dá isso. A pessoa vem com problema aqui e eu trato aqui, toma um remédio e deu! Agora, psicologia não. Se tu pegares dois obesos, por exemplo, os dois vão ter coisas diferentes, não tem como tu dizeres que tal coisa se reporta a tal coisa, o ser humano é uma coisa só”* (Shirley, 24 anos); *“Às vezes eu acho que a gente fica um ano na instituição e o que a gente faz não é tabulado, não é colocado num papel. A gente trabalha com a subjetividade, então não tem como dimensionar isso. O administrador vai lá, põe os dados, números, estatística, gráficos, mas a gente não pode fazer isso, não tem como. Como a gente lida com essa questão de subjetividade, saímos com a idéia de que a gente não fez nada”* (Mary, 42 anos).

Discussão

A partir dos resultados da pesquisa, pode-se estabelecer uma reflexão a fim de aprofundar o entendimento dos dados encontrados. Ao relatarmos os sentimentos associados ao momento final do curso, as participantes desse estudo descreveram, inicialmente, uma série de medos relacionados à etapa de conclusão. Inicialmente, pode-se identificar, pelas falas, o próprio medo de não conseguir concluir o curso. Tal sentimento pareceu estar muito relacionado a questões familiares, sendo possível perceber o receio de não conseguir

corresponder ao esperado pela família. Isso vem ao encontro do que afirma Leibel (2002), a qual aponta que o formando tende a sofrer muitas pressões, entre elas as de origem familiar, quando se aproxima o final do curso. Nesse contexto, pode-se perceber que as formandas pareciam sentir-se compelidas a mostrar para a família, e para si mesmas, que todo o investimento pessoal e financeiro feito durante o curso de graduação seria recompensado quase que imediatamente.

Esteve presente também a tristeza pelo que ficaria para trás e o medo frente ao futuro. Sobre esses sentimentos vivenciados pelas formandas, Leibel (2002) aponta que, na etapa de finalização do curso de graduação, surgem medos, angústias e conflitos relacionados à incerteza quanto ao futuro profissional. Os estudantes, muitas vezes, não se sentem preparados subjetivamente para ocupar o lugar de profissionais. De fato, percebeu-se entre as formandas uma insegurança nesse período de transição quanto ao fato de terem de abandonar o lugar de alunas para se tornarem profissionais. O final do curso de graduação impõe que se deixe para trás o papel desempenhado até então, o qual organizava a vida e trazia relativa serenidade, para que se assuma o papel de profissional, com atribuições e vicissitudes desconhecidas e capazes de gerar inquietações. Nesse sentido, o fato de estarem no final do curso de graduação não pareceu representar garantia de preparo profissional para as formandas. No dizer delas, ser profissional requer assumir novas responsabilidades; responsabilidades para as quais não se tem a certeza de estar preparado, o que apareceu como algo angustiante. As participantes demonstraram também receio de, ao assumir o papel de profissionais, terem de realizar atividades com as quais não se identificassem. Nesse contexto, reiteradas vezes foi referida a incerteza quanto à obtenção de uma colocação profissional que permitisse o desempenho de atividades agradáveis. Pode-se considerar o quanto a pressão para a inserção no mercado de trabalho é capaz de impelir as formandas à aceitação de qualquer tipo de atividade, mesmo não tendo o desejo de realizar as tarefas associadas a ela.

Percebeu-se também que as entrevistadas estavam passando por um momento de intenso cansaço. Referiram estarem esgotadas, sentindo a necessidade de entrar em férias, descansar, dormir. Em um primeiro momento, é natural pensar

que tal cansaço tenha surgido em função do intenso ritmo de atividades vivido pelas formandas. Porém, além disso, é preciso considerar que a sensação de esgotamento relatada também poderia estar associada às dificuldades sentidas pela travessia desta fase de transição. Nesse sentido, o desejo de parar para descansar talvez pudesse representar uma forma de enfrentar a necessidade iminente de colocação no mercado de trabalho: quem está de férias, descansando ou dormindo, não precisa se ocupar diretamente com as questões da vida profissional. Outra interpretação possível relaciona-se à necessidade que pode ser sentida pelas formandas de descansar após a formatura, de forma a poupar energia para conseguir enfrentar o que está por vir.

As formandas demonstraram ainda sentimentos ambivalentes em relação ao momento final do curso. Em alguns momentos, apontaram aparente segurança quanto aos papéis que assumiriam e as situações que enfrentariam após a formatura; em outros, contudo, ficaram dominadas pela incerteza e pela insegurança. Tal sentimento remete ao pensamento de Aquino (1990, citado por Catharino, 1998), que se refere à existência de sentimentos ambivalentes no final do curso de graduação: ao mesmo tempo em que o aluno deseja partir, ele deseja permanecer. Assim, a saída da universidade pode ser vivida como um período de nostalgia, momento no qual as formandas retomam o que foi vivido durante o curso. Pode tornar-se também um momento de elaboração de algumas perdas: os vínculos formados ficam para trás, fazendo com que os estudantes percam a referência que tinham até então. Percebe-se que essas perdas estavam sendo vividas com muita intensidade por algumas formandas, que acabavam não conseguindo enxergar-se como profissionais, desejando continuar a ser estudantes, projetando no futuro a continuidade dos estudos, em vez da assunção de uma atividade profissional.

Paradoxalmente, a conclusão do curso superior apresentou-se como um momento de alegria para algumas formandas, que apresentaram uma visão otimista em relação ao futuro profissional. O fato de poder comemorar conquistas, ampliar a independência e iniciar uma carreira profissional foi referido como um motivo de felicidade. Nesse contexto, ao mencionarem a possibilidade de conquistar independência econômica, tanto as formandas solteiras como as casadas demonstraram satisfação frente à oportunidade de deixar de

depende dos pais ou dos maridos. Observou-se, assim, conforme aponta Teixeira (2002), que o momento da formatura realmente representa uma possibilidade de conquista de autonomia financeira e de independência do âmbito familiar. Notou-se que a formatura, nesse momento, torna-se um marco do abandono de uma postura dependente, característica da adolescência, para a assunção de uma postura mais autônoma, própria da entrada efetiva na vida adulta. Além disso, também confirmando os apontamentos de Teixeira (2002), mesmo para as formandas que já trabalhavam, a conclusão do curso de graduação foi vista como alternativa para a inserção em outra faixa de mercado, significando crescimento profissional.

Nesse sentido, é interessante observar que as formandas que já haviam concluído um curso de graduação compartilharam os mesmos sentimentos que as formandas que estavam concluindo seu primeiro curso. Mesmo estando em fases de desenvolvimento diferentes, de acordo com a classificação proposta por Bee (1997), tanto as formandas com idade correspondente à fase adulta jovem, quanto aquelas com idade correspondente à fase adulta intermediária, referiram sentimentos de medo e insegurança. Assim, parece que o momento de conclusão de um outro curso de graduação e de inserção em um novo mercado de trabalho é capaz de proporcionar sentimentos intensos, como se não houvesse sido vivido anteriormente. A partir disso, pode-se pensar que a idade cronológica, apesar de poder oferecer maior maturidade emocional e relativa segurança frente a novos desafios, não se transforma em garantia de tranquilidade frente ao novo que se impõe ao final do curso de graduação. Esse aspecto apareceu também quando as formandas descreveram alguns obstáculos imaginados para a inserção no mercado de trabalho, referindo a idade como sendo um dos principais. É interessante ressaltar que, tanto as formandas na fase adulta jovem, quanto aquelas na fase adulta intermediária, acreditavam que sua idade representaria uma dificuldade para a colocação profissional. As mais jovens relacionaram a juventude com a falta de experiência profissional, e temiam que isso pudesse deixá-las em desvantagem na busca de um emprego. Já as outras viam o fato de possuírem experiência profissional como algo capaz de criar resistência entre futuros colegas de profissão, causando competição e disputas por lugares de trabalho.

Outro obstáculo referido nas entrevistas em relação à entrada no mercado de trabalho foi o fato de haver diferença de oportunidades de inserção neste mercado. Para as entrevistadas, se o profissional tiver influência social, como um “sobrenome conhecido” na cidade, ele tem maiores possibilidades de conseguir colocação profissional. Levando em conta essa questão, torna-se relevante remeter ao pensamento de Teixeira (2002), o qual ressalta que a conquista de um espaço profissional não depende somente de um diploma, mas também das características pessoais e da rede de relações que o indivíduo estabelece.

Pode-se notar, também, que as formandas apresentaram diferentes perspectivas quanto à possibilidade de inserção no mercado de trabalho. Algumas demonstraram clareza, já tendo planejado o caminho a seguir, apostando no estabelecimento de um consultório ou na possibilidade de efetivação em local de estágio. Considera-se que o fato de planejar e organizar o que está por vir pode estar representando uma maneira de as formandas lidarem com a ansiedade frente ao desconhecido, tornando-o algo “não tão desconhecido assim”. Outras formandas, entretanto, referiram ainda não ter conseguido definir como poderiam buscar colocação profissional. De fato, Teixeira (2002) ressalta que muitos formandos chegam ao momento de finalização sem saber muito bem o que fazer profissionalmente.

De modo geral, as formandas mostraram diferentes percepções frente ao mercado de trabalho. Apesar de o verem como saturado, principalmente na área clínica, mostraram-se otimistas em relação às novas possibilidades de inserção para a psicologia, considerando com satisfação áreas que estão surgindo e novos locais que possibilitam a entrada da psicologia. De qualquer forma, pareceram estar cientes das dificuldades e das demandas do mercado, referindo a necessidade de preparo e de atitudes inovadoras. Contudo, algumas formandas pareceram não se incluir nesses requisitos exigidos pelo mercado, sentindo-se, conseqüentemente, despreparadas, referindo que o curso de graduação não teria sido suficiente para garantir a sua inserção profissional. Isso vem em concordância às idéias de Barbara (1999), que refere à acelerada diminuição da força na crença de que a conclusão do curso superior é, por si só, garantia de inserção no mercado. Além disso, concorda com o pensamento de Kurz (1999), que refere que a qua-

lificação acadêmica é apenas um dos elementos para a obtenção de uma colocação profissional, e que sua valorização excessiva pode, até mesmo, tornar-se um fator inibidor para o desenvolvimento da carreira e proporcionar uma sensação de impotência para o sujeito.

Foram percebidos pelas formandas outros obstáculos relacionados ao exercício da profissão de psicólogo, tais como a implicação da psicologia nas questões pessoais, considerando-se o fato da exigência em lidar constantemente com problemas e dificuldades das outras pessoas. Notou-se uma cobrança, por parte das próprias formandas, em terem que conseguir ajudar, o que se torna mais angustiante no início da profissão, pois, com a falta de experiência e de conhecimento, é mais provável que as falhas aconteçam. Outro obstáculo referido, que se torna relevante apontar, foi o fato de a psicologia não ser uma ciência exata, com fórmulas e receitas, ou que ofereça certeza sobre os procedimentos a serem adotados, para que se possa sanar determinados problemas. Pode-se fazer relação, aqui, com os próprios sentimentos referidos pelas formandas no momento de conclusão de curso: justamente em um período de tamanha insegurança quanto ao que está por vir, período em que se buscam certezas, delimitações e parâmetros, a subjetividade, característica do trabalho em psicologia, surge como capaz de concretizar, e até mesmo ampliar, as incertezas que tanto angustiam as formandas. Assim, lidar com o subjetivo torna-se muito difícil.

Considerações Finais

A partir da realização deste trabalho, pode-se perceber que cada uma das formandas entrevistadas estava em busca de uma possibilidade profissional. Foi possível constatar que, nesse período de transição, a saída da universidade para a entrada no mercado de trabalho estava sendo vivida, pelas formandas, com uma intensa variação de sentimentos. Ao mesmo tempo em que se sentiam felizes e aliviadas por estarem concluindo mais uma etapa de suas vidas, elas estavam sendo tomadas por incertezas, dúvidas e medos. Percebeu-se que a maioria delas ainda não se sentia preparada para assumir o papel de profissional, relatando certa descrença em relação à sua própria capacidade e, por que não dizer, em relação ao seu futuro na psicologia.

Apesar das dificuldades encontradas ao atravessar essa fase de finalização, as formandas mostraram-se motivadas para o desafio da formatura. Mesmo que, em alguns momentos, estivessem um tanto confusas ao traçar estratégias para a colocação profissional, elas aparentemente estavam conseguindo elaborar planos para a busca da realização profissional, ou ao menos definindo áreas de atuação ou de especialização.

Voltando-nos mais especificamente em relação à execução deste trabalho, vale ressaltar que se tornou muito interessante a realização das entrevistas em grupo, pois o tema era comum a todas as participantes, e havia semelhança entre os sentimentos por elas vividos. Mas, ainda que se emocionassem ao falar de suas questões, não só demonstraram, como também verbalizaram, sentirem-se aliviadas pelo fato de poder compartilhar os sentimentos e as vivências com as colegas.

Alguns fatores dificultaram a realização desta pesquisa, principalmente no que se relacionou à pouca disponibilidade de referencial teórico sobre o tema. Além disso, a inexistência de formandos do sexo masculino restringiu o presente estudo. Seria importante, em outra oportunidade, investigar o ponto de vista masculino sobre o assunto, para que se pudesse fazer um contraponto com relação às expectativas e sentimentos das mulheres entrevistadas, considerando-se as questões de gênero.

Espera-se ter contribuído para a ampliação da discussão sobre o assunto, a fim de que possam ser desveladas e debatidas com maior profundidade questões relacionadas ao paradoxal momento de conclusão de curso, o qual, por suas peculiaridades e por tudo o que foi relatado pelas entrevistadas e aqui analisado, é capaz de mover sentimentos intensos, impulsionando ou até mesmo dificultando o início da vida profissional.

Referências

- Barbara, M. M. (1999). Reestruturação produtiva, qualificação, requalificação e desemprego: Percepção e sofrimento do trabalhador. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 19(01), p. 30 -39.
- Bee, H. (1997). **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artmed.
- Branco, M. T. C. (1998). Que profissional queremos formar? **Psicologia, Ciência e Profissão**, 18(03), 28 - 35.
- Castel, R. (1998). **As metamorfoses da questão social: Uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes.
- Catharino, T. R. (1998). Formação de Psicólogos, currículos e subjetividade. **Temas em Psicologia**, 6(01), 9-19.
- Duran, A. P. (2001). Alguns dilemas na formação do psicólogo. In: R. Achcar, (Org.), **Psicólogo brasileiro: Práticas emergentes e desafios para a formação**. (pp. 331- 371). São Paulo: Conselho Federal de Psicologia/Casa do Psicólogo.
- Freitas, M. H. (2001). Formação do psicólogo: Desafios e perspectivas - A experiência da Universidade Católica de Brasília. **Temas em Psicologia**, 9(01), 29 - 43.
- Gondim, S. M. G. (2002). Perfil profissional e mercado de trabalho: Relação com formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**, 7(02), 299 - 309.
- Kurz, R. (1999). Descartável e degradado. **Folha de São Paulo**, 11 jul 1999. Recuperado em 07 jul 2004: <http://www.race.nuca.ie.ufrj.br/journal/k/kurz5.doc>.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed.
- Leibel, L. A. N. (2002). **A passagem do estado de aluno de Psicologia para o estado de profissional de Psicologia**. Recuperado em 07 jul 2004: <http://biblioteca.estacio.br/artigos/007.htm>.

Pinto Júnior, H., Coleta, M. F. D., Matino, C. D., Mattiello, C. L., Navarqui, F. B., & Palazzo, N. B. (1999). Relação entre a situação de pré-formatura e stress. **Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro**, 2(02), 67 - 74.

Teixeira, M. A. P. (2002). **A experiência de transição entre a universidade e o mercado de trabalho na adulez jovem**. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Recebido em/Received in: 17/08/2006
Aprovado em/Approved in: 30/08/2006